

## **A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO SACERDOTE: DA *GENEALOGIA DA MORAL* A *O ANTICRISTO***

### **NIETZSCHE'S CRITIQUE OF THE PRIEST: FROM THE *GENEALOGY OF MORALS* TO THE *ANTICHRIST***

Rafael Gonçalves da Silveira<sup>1</sup>

#### **RESUMO:**

Este artigo analisa a crítica de Nietzsche ao sacerdote na *Genealogia da Moral*, especialmente na terceira dissertação, e em *O Anticristo*. Em ambas as obras, o sacerdote é responsável pelo adoecimento do corpo, especialmente por meio da noção de pecado. Na *Genealogia da Moral*, o sacerdote muda a direção do ressentimento, fazendo com que o doente perceba que ele mesmo é o culpado. Já em *O Anticristo*, Nietzsche critica a falsificação da história de Israel pelos sacerdotes, utilizando o conceito de *décadence*. Se na *Genealogia* Nietzsche apresenta a psicologia do sacerdote, em *O Anticristo* ele aprofunda sua crítica, procurando realizar sua transvaloração contra aqueles que inverteram os valores nobres.

**Palavras-chave:** Sacerdote. Ressentimento. *Décadence*.

#### **ABSTRACT:**

This article analyzes Nietzsche's critique of the priest in *On the Genealogy of Morals*, particularly in the third dissertation, and in *The Antichrist*. In both works, the priest is responsible for the corruption of the body, especially through the concept of sin. In *On the Genealogy of Morals*, the priest redirects resentment, making the afflicted individual see themselves as the guilty party. In *The Antichrist*, Nietzsche critiques the falsification of the history of Israel by the priests, using the concept of *décadence*. While in *On the Genealogy of Morals* Nietzsche presents the psychology of the priest, in *The Antichrist*, he deepens his critique, seeking to accomplish his transvaluation of values against those who inverted the noble values.

**KEYWORDS:** Priest. Ressentiment. *Décadence*.

#### **Introdução**

Neste artigo, procuramos demonstrar como Nietzsche interpreta o papel do sacerdote em *Genealogia da Moral*, em particular na terceira dissertação, e em *O Anticristo*. Nosso objetivo é destacar a centralidade do sacerdote na crítica nietzschiana

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Doutorando em Filosofia pela UFPEL. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9837447956634771>. Endereço eletrônico: [tkl21rafael@gmail.com](mailto:tkl21rafael@gmail.com)

aos valores, evidenciando tanto os pontos de convergência quanto os de afastamento entre as análises presentes em cada obra.

Além disso, pretendemos apontar essas diferenças como indicativos do aprofundamento do projeto filosófico de Nietzsche e das peculiaridades manifestadas em seu último período de pensamento. Nossa hipótese é de que o itinerário do filósofo e suas fontes teóricas se revelam determinantes para o desenvolvimento das teses em cada obra. Esses elementos terminam por influenciar o modo como Nietzsche aprofunda sua crítica à figura do sacerdote.

Em particular, consideramos a tentativa de Nietzsche de realizar uma transvaloração de todos valores (*Umwertung aller werthe*) por meio de quatro livros, sendo *O Anticristo* o primeiro livro deste projeto. Posteriormente, Nietzsche vai considerar *O Anticristo* como a totalidade da transvaloração<sup>2</sup>. Aqui é relevante consideramos que *O Anticristo* está inserido em uma nova etapa, ou conforme Rubira (2024), um quarto período da filosofia de Nietzsche, em que ele assume a sua tarefa da transvaloração.<sup>3</sup>

Para realizar essa análise, optamos por utilizar o método genético-estrutural, que consideramos adequado para distinguir as diferentes perspectivas adotadas por Nietzsche em cada obra. O método estrutural de Victor Goldschmidt, conforme seu artigo “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos”, implica na necessidade de considerar o tempo lógico no qual um filósofo, conforme a ordem das razões, produziu, abandonou ou ultrapassou certas teses, sendo necessário ao estudioso “reaprender”, em conformidade com a intenção do filósofo estudado, “essa ordem de

---

<sup>2</sup> Cf. carta a Georg Brandes, de novembro de 1888, e a Paul Deussen, de 26 de novembro de 1888 (NIETZSCHE, 2012, p. 305).

<sup>3</sup> De acordo com Rubira: “A nosso ver, ao assumir a tarefa da transvaloração de todos os valores em agosto de 1888, temos um novo período na obra de Nietzsche. Conforme o que esboçamos até aqui (e ao longo de pesquisas nos últimos anos) sua obra se dividiria, para ele mesmo, em quatro períodos: o primeiro, de *O nascimento da tragédia* até as *Extemporâneas*; o segundo, de *Humano, demasiado Humano* até o quarto livro de *A gaia ciência*; o terceiro de *Zaratustra* até o final de *A genealogia da moral*; e o quarto, iniciado com suas reflexões e anotações sobre a ‘vontade de potência’ no fim do segundo semestre de 1887, as quais culminarão nas obras compreendidas entre agosto e dezembro de 1888.” (Rubira, 2024, p. 13-14).

razões” tomando o cuidado para “jamais separar as teses dos movimentos lógicos que as produziram” (Goldschmidt, 1970, p. 140).

Scarlett Marton, por sua vez, complementou o método estrutural ao argumentar que, embora importante, a análise estrutural sozinha seria insuficiente para o estudo da filosofia nietzschiana, integrando, assim, uma abordagem estrutural e genética dos textos do filósofo alemão<sup>4</sup>. De acordo com a comentadora, eram necessários os dois movimentos, com atenção “aos conceitos e às estratégias adotadas” (Marton, 2004, p. 154), assim como as referências do autor.

Nesse sentido, empreenderemos uma leitura a partir do método genético-estrutural, considerando o contexto específico de cada obra. A análise estrutural nos permitirá compreender o papel do sacerdote em *Genealogia da Moral* e *O Anticristo* de acordo com o tempo lógico de cada texto, enquanto a leitura genética revelará o itinerário de Nietzsche e suas fontes teóricas ao longo dessas obras.

### **O Sacerdote na *Genealogia da Moral***

Escrita em 1887, antes de Nietzsche empreender ele mesmo a transvaloração dos valores, a *Genealogia da Moral* divide-se em três dissertações. A primeira dissertação trata da transvaloração dos valores nobres, realizada pelos judeus enquanto “povo de sacerdotes” (GM I, 7). A segunda analisa a formação do sentimento de culpa e da “má consciência” por meio da internalização da agressividade. Já a terceira dissertação, na qual vamos nos deter, questiona o significado dos ideais ascéticos e examina o modo de ação do sacerdote ascético.

---

<sup>4</sup> Conforme Marton (2004, p. 62): “Seguindo à risca o método estrutural, que reza jamais separar as teses dos movimentos lógicos que as produziram, ou empregando o método genético, que leva a refazer o itinerário intelectual do autor, ou mesmo alinhando os dois procedimentos, aprendíamos a ler os textos”. A comentadora ainda reforça a utilização do método na leitura dos textos: “fazíamos uma análise estrutural e uma análise genética. Líamos frase por frase, palavra por palavra; estávamos atentos aos conceitos presentes e às estratégias adotadas. Pesquisávamos as possíveis referências à história da filosofia, à religião cristã, ao contexto cultural da época; trazíamos para nossas conversas os textos de Goethe e Wagner, os poemas de Hölderlin e Heine, a versão luterana da Bíblia” (Marton, 2004, p. 154)

Na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche aponta para a criação de um mundo no qual o tipo<sup>5</sup> sacerdotal asceta pudesse exercer sua medicação. Um céu como recompensa para os justos e bons, e o sofrimento eterno para os pecadores. Com esse artifício, o sacerdote asceta conseguiu dominar o mundo, libertando o homem de si mesmo e externalizando sua dor por meio da interpretação religiosa da culpa. Para Nietzsche, esse recurso constitui um “método culpado”, pois sua culpabilidade reside em tornar o homem ainda mais enfermo — isto é, em levá-lo a uma consciência mais aguda de seu pecado, de si mesmo como pecador. O sacerdote asceta se apropriou do sentimento de culpa, fazendo dele sua principal estratégia. Na noção de pecado, encontra-se o artifício da interpretação religiosa. A resposta dada pelo sacerdote aos homens em suas indagações, necessitados de narcóticos, sugere que a causa deve ser buscada dentro de si mesmos — em uma culpa, em algo do passado.

No aforismo 15 da terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche aponta para a missão do sacerdote ascético. O filósofo destaca que os sãos não podem cuidar dos doentes, pois essa tarefa exige médicos e enfermeiros que também sejam doentes. É nesse ponto que Nietzsche ressalta o sentido do sacerdote ascético e afirma: “a ele devemos considerar o salvador, pastor e defensor predestinado do rebanho doente: somente então entenderemos a sua tremenda missão histórica” (GM III, 15). Ele então expõe a missão do sacerdote e explica que, para cumpri-la e compreender os que sofrem, deve tornar-se semelhante a eles—em última instância, deve ser um deles, ou seja, um doente. Conforme Nietzsche:

A dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para ela o dirige seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua maestria, sua espécie de felicidade.

---

<sup>5</sup> Conforme Araldi, “com o termo *tipo*, Nietzsche expressa não só uma configuração fisiopsicológica de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, mas também um longo e complexo processo de formação e fixação das características da espécie humana, nos processos culturais, históricos, com hábitos herdados de nossos antecessores e com a interiorização dos impulsos” (Araldi, 2016, p. 395). Sobre a *tipologia*, Araldi considera que ela “refere-se, assim, a formas humanas de vida e de moral que cristalizam avaliações humanas” (Araldi, 2016, p. 395). Utilizamos *tipo* e *tipologia* ao fazer referência aos fortes e fracos enquanto tipos determinados, bem como o *tipo Jesus*, ao tipo de homem superior, entre outros exemplos na obra de Nietzsche.

Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado aos doentes e malogrados desde a raiz, para entende-los – para com eles se entender; (GM III, 15).

Nietzsche afirma que, além de doente, o sacerdote precisa também ser forte “para que tenha a confiança e o temor dos doentes, para que lhes possa ser amparo, apoio, resistência, coerção, instrução, tirano, deus” (GM III, 15). Aos sacerdotes foi confiada a proteção e a defesa do rebanho contra os sãos e contra a inveja que os doentes sentem dos sãos. Aqui se ressalta uma ideia central da *Genealogia da Moral*: os homens doentes e fracos invejam os fortes, os nobres. Nietzsche esboça a noção de inveja e ressentimento, elementos que, em sua genealogia, caracterizam os homens fracos. O filósofo já havia tratado dessa questão na primeira dissertação da *Genealogia*: “a rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação” (GM I,10).

Nietzsche faz referência, neste aforismo da primeira dissertação, à inversão dos valores nobres promovida pelos escravos, que impuseram uma forma fraca de valorar, um modo doente de atribuir sentido, em detrimento da maneira nobre de avaliar. Para Nietzsche, foram os sacerdotes os responsáveis por instigar essa inversão de valores. Quanto ao modo como o sacerdote defende o seu rebanho, Nietzsche afirma que “ele tem que ser o opositor e desprezador natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace.” (GM III, 15). O filósofo ressalta que o sacerdote fará guerra aos fortes, uma guerra muito mais de astúcia do que de violência, chegando, em alguns momentos, a se fazer passar por outro, até mesmo andando entre os fortes, se apresentando como senhor dos sofredores. Cito Nietzsche:

Não lhe será poupado fazer guerra aos animais de rapina, uma guerra de astúcia (de “espírito”) mais que de violência, está claro – para isto lhe será necessário, em certas circunstâncias, desenvolver-se quase que em um novo tipo de animal de rapina, ou ao menos representá-lo – uma nova ferocidade animal, na qual o urso polar, a elástica, fria, expectante pantera, e também a raposa, parecem juntados numa unidade tão atraente quanto aterradora. Supondo que a necessidade o obrigue, ele andará entre os outros animais de rapina, sério como urso, venerável, prudente, frio, superior-enganador, como arauto e porta-voz de poderes misteriosos, decidido a semear nesse terreno, onde puder,

sofrimento, discórdia, contradição, e, seguro bastante de sua arte, fazer-se a todo instante senhor dos sofredores. (GM III, 15).

Destacamos o caráter do sacerdote como inimigo e desprezador da saúde e potência dos fortes. O sacerdote necessita de sofredores e, por isso, fará dos fracos e doentes o seu rebanho, estimulando neles o sofrimento em primeiro lugar, para, posteriormente, oferecer o narcótico. Nietzsche admite que, nos ideais ascéticos dos sacerdotes, a existência é negada, ocorre uma desvalorização do corpo e dos instintos, persistindo uma supervalorização do “espírito”, de modo que, no “caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência.” (GM III, 11).

Nietzsche afirma que esse modo de valorar não é uma exceção, mas, pelo contrário, “é um dos fatos mais difundidos e duradouros que existem” (GM III, 11). Da mesma forma, o surgimento do sacerdote não é algo novo, pois com certa “regularidade”, e até “universalidade”, em “quase todos os tempos aparece o sacerdote ascético” (GM III, 11). Para o filósofo, o sacerdote não pertence a uma “raça” determinada, mas surge em toda parte e em todas as classes. Encarando a vida como um erro, o sacerdote asceta difama-a com o propósito de divulgar uma outra vida, no além, sendo, assim, o grande inimigo das naturezas fortes e, em si mesmo, uma contradição, agindo de modo sutil e astucioso, ao mesmo tempo em que é feroz<sup>6</sup>.

O sacerdote, além de defender o seu rebanho contra os fortes, podendo até se misturar com eles para combatê-los e torná-los também doentes, reconhece o perigo no próprio rebanho, na inveja que seus doentes têm dos homens saudáveis. Os fracos verão nesta saúde uma fonte de maldade, devido à inversão que fizeram dos valores, acusando os fortes de “maus”<sup>7</sup>. São os fracos que mais corroem a vida entre os homens, colocando em questão a confiança na vida das naturezas saudáveis. O acúmulo de rancor ou

<sup>6</sup> Giacoia (2013) chama a atenção para essa dupla característica do sacerdote ascético, ou seja, a sua astuciosa “espiritualidade” lhe torna um animal delicado e ao mesmo tempo um terrível inimigo, capaz de diminuir a força do seu adversário, quebrar a sua força e obter a vitória definitiva.

<sup>7</sup> Para Nietzsche, “os doentios são o grande perigo do homem: não os maus, não os ‘animais de rapina’.” (GM III, 14).

ressentimento, que toma conta dos fracos, pode gerar a autodestruição do rebanho, cabendo ao sacerdote, em sua principal missão, impedir a implosão dos seus ressentidos<sup>8</sup>.

Assim, a missão do sacerdote ascético, ou aquilo que se configura como o valor central da sua existência, na visão de Nietzsche, pode ser resumida na seguinte expressão: “o sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento” (GM III, 15). O autor ressalta que aqueles que sofrem buscam, de maneira instintiva, uma causa ou um culpado pelo seu sofrimento, e a descarga do seu afeto seria uma tentativa de alívio, entorpecimento e narcótico. E, ao mesmo tempo em que busca um culpado pelo seu sofrimento e quer nele descarregar seu afeto, o sofredor não reconhece que reside em sua dor uma causa fisiológica<sup>9</sup>. O sacerdote, ao dizer que o culpado é o próprio doente, que sofre por sua própria culpa, promove essa mudança da direção do ressentimento.

Contudo, a medicação utilizada pelo sacerdote ascético não pode representar uma cura verdadeira, do ponto de vista fisiológico. Na intenção de tornar seus doentes inofensivos, o sacerdote lançou mão de conceitos como “culpa”, “pecado”, “pecaminosidade”, “corrupção” e “danação”. Para Nietzsche, a “natureza pecaminosa” do homem não é em si um fato, mas é apenas uma interpretação (moral-religiosa) de uma má disposição fisiológica. O filósofo questiona, no parágrafo 16, o objetivo deste entorpecimento produzido pelo sacerdote<sup>10</sup>. Ao aplicar o seu remédio entorpecente, o sacerdote faz com que os doentes se voltem para si mesmos, constituindo, assim, a sua

<sup>8</sup> Segundo Paschoal “Um tipo peculiar de doente entre os doentes, o sacerdote ascético, toma por missão a defesa do rebanho. Ele defende suas ovelhas primeiramente das ‘aves de rapina’, que procura domesticar (GM I, 11); mas ele sabe que a maior ameaça que paira sobre o rebanho é a sua tendência á autodestruição, em função do acúmulo de rancor e inveja, isto é, de ressentimento.” (Paschoal, 2003, p. 157).

<sup>9</sup> Sobre a causa fisiológica, Nietzsche afirma: “‘Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal’ – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (– ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sympathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estado de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc.)” (GM III, 15).

<sup>10</sup> Conforme Paschoal: “o início do parágrafo, ilustrando a afirmação de que não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos...Nietzsche apresenta os conceitos de ideal ascético: ‘culpa’, ‘pecado’, ‘pecaminosidade’, ‘corrupção’, ‘danação’, como sendo indicadores apenas de uma interpretação e não de fatos. Ora, admitindo que estes conceitos remetem apenas a uma interpretação, Nietzsche pode colocar em questão o objetivo do entorpecimento que o sacerdote ascético produz, por meio destes conceitos.” (Paschoal, 2003, p. 158).

comunidade<sup>11</sup>. Expressa-se o caráter do sacerdote como conversor da saúde em doença, para satisfazer sua necessidade de domínio e o sentido de sua existência. O sacerdote é um tipo doente, de instintos fisiológicos ruins, que tomaria partido de tudo o que é ruim na natureza humana, invertendo o modo nobre de valorar.

Nietzsche ressalta que o sacerdote ascético não pode ser considerado um médico, pois ele combate “o desprazer do sofrimento” (GM III, 17), mas não ataca a “causa” nem a “doença propriamente”. Seu objetivo não é a cura, mas sim estancar as fontes da força, redirecionando o ressentimento para que a energia seja dissipada sem alterar a *Rangordnung*<sup>12</sup>. O sacerdote opera sobre uma configuração específica de impulsos e afetos, manipulando os “afetos estimulantes” para oferecer um suposto auxílio aos “fisiologicamente travados” (GM III, 17). Nietzsche menciona, nesse contexto, a prescrição de uma “pequena alegria”:

A forma mais frequente em que a alegria é assim prescrita como meio de cura é a alegria de *causar* alegria (ao fazer benefício, presentear, aliviar, ajudar, convencer, consolar, louvar, distinguir); no fundo, ao prescrever “amor ao próximo”, o sacerdote ascético prescreve uma estimulação, embora em dosagem prudente, do impulso mais forte e mais afirmador da vida – da *vontade de poder*. A felicidade da “pequena superioridade”, que acompanha todo ato de beneficiar, servir, ajudar, distinguir, é o mais abundante meio de consolo de que costumam servir-se os fisiologicamente obstruídos, supondo-se que estejam bem aconselhados: de outro modo ferem uns aos outros, naturalmente em obediência ao mesmo instinto básico. (GM III, 18).

Percebemos que a estimulação da alegria, enquanto afeto positivo, é manipulada pelo sacerdote. O que poderia parecer altruísmo, na verdade, revela um interesse subjacente, direcionando e interpretando essa alegria de maneira específica. A prudência deve estar presente na estimulação do afeto afirmativo, especialmente no que se refere à

<sup>11</sup> Enquanto um mal “médico”, o sacerdote exerceria o seu poder nesta comunidade que são as *Igrejas*: uma espécie de “concentração e organização dos doentes” (GM III, 16). Na análise de Giacoia (2013), o domínio do sacerdote sobre esta comunidade de doentes é o seu elemento vital, chegando a corromper também as naturezas sadias.

<sup>12</sup> O termo alemão *Rangordnung* é geralmente traduzido por “hierarquia”, mas também pode ser traduzido por “precedência” (Paschoal, 2013). Além de *Rangordnung*, na língua alemã temos a palavra “Hierarchie”, que é bem menos utilizada por Nietzsche e indica que há um comando de partes que estão acima das outras partes. Conforme Paschoal, a de *Rangordnung* é entendida “não tanto como uma hierarquia de comando, mas como um *ordenamento* das partes, além da primazia que algumas partes devem ter sobre as demais” (Paschoal, 2013, p. 18). Tendo em vista a dificuldade de tradução exata para *Rangordnung*, e pensando na sua condição de ordenamento, ou uma posição ordenada, considerando a teoria das forças e a dinâmica da vontade de poder, optamos, nesse contexto da *Genealogia*, por deixar o termo em alemão.



vontade de poder. Trata-se de uma superioridade “pequena”, na qual não há, de fato, uma superação real de resistência. Nietzsche enfatiza, sobretudo, esse “sentimento de poder”, pois se trata da estimulação de um excesso de sentimento: “O ideal ascético servindo ao propósito de excesso de sentimento” (GM III 20)<sup>13</sup>.

O resultado será um esgotamento, uma forma de desprazer, pois, mesmo com um “entusiasmo”, não há uma força capaz de vencer uma resistência, apenas um desvio em direção ao efeito, sem atingir a causa. Não há estímulo para a acumulação de forças nem para a superação de obstáculos. Buscando tornar o doente ainda mais doente, o sacerdote soube “aproveitar-se do sentimento de culpa” (GM III, 20). Para o filósofo, o êxito obtido pelo sacerdote ascético resultou “em um sistema nervoso arruinado, em acréscimo ao que já era enfermo; e isso no geral e no particular, nos indivíduos e nas massas” (GM III, 21).

De modo geral, essa é a análise de Nietzsche nesse contexto, de forma simplificada. O filósofo menciona, em diversas passagens, o excesso de sentimento, o sentimento de poder, a vontade de poder e as forças. O problema evidenciado por Nietzsche é que o sacerdote trabalha apenas no efeito, no sofrimento, buscando anestesiá-lo a dor por meio da estimulação moderada de alegrias e sentimentos. No entanto, essa estimulação ocorre de maneira que nunca há uma verdadeira afirmação de si, de modo que as resistências não são superadas. A vontade de poder, nesse caso, entra em declínio, questão que será retomada em *O Anticristo*, com novas referências. O resultado final do tratamento do sacerdote é, em essência, o enfraquecimento e o esgotamento do rebanho.

### **O sacerdote na perspectiva de *O Anticristo***

Escrito em 1888 como uma “maldição ao cristianismo” (*Fluch auf das Christentum*), *O Anticristo* ocupa um papel estratégico na obra de Nietzsche. Inicialmente considerado o primeiro livro do projeto de transvaloração, acabou sendo reconhecido como a totalidade dessa transvaloração. Seguindo nosso método de análise e buscando compreender o tempo lógico do texto, abordaremos *O Anticristo* como se fosse o primeiro livro do projeto. Assim, destacaremos a relevância da crítica de Nietzsche ao sacerdote

---

<sup>13</sup> A palavra em alemão utilizada por Nietzsche é *Ausschweifung*, que também pode ser traduzida por “transbordamento”. Optamos por manter a tradução de Paulo César de Souza.

nesta obra, considerando que o caráter destrutivo da mesma tem em vista um valor afirmativo<sup>14</sup>.

Após os primeiros parágrafos de *O Anticristo*, o filósofo expõe a antítese da tipologia que defende, ressaltando a afinidade entre o sacerdote e o filósofo por meio do “instinto” ou “sangue” de teólogo: “É necessário dizer quem consideramos nossa antítese – os teólogos e todos os que têm sangue de teólogo nas veias – toda a nossa filosofia...” (AC, 8). Tendo presenciado de perto essa “fatalidade”, “tê-la experimentado em si mesmo” e “quase sucumbido a ela”, Nietzsche teria adquirido a seriedade necessária para confrontar esses teólogos e sacerdotes. Ele enfatiza ainda que tal instinto se disseminou para além da religião cristã:

Esse envenenamento vai muito mais longe do que se pensa: reencontrei o instinto de arrogância dos teólogos onde quer que hoje alguém se ache “idealista” – onde, em virtude de uma origem mais elevada, arrogue-se o direito de olhar para a realidade de modo alheio e superior...Exatamente como o sacerdote, o idealista tem na mão todos os grandes conceitos (e não só na mão!), com benévolo desprezo ele os põe em jogo contra o “entendimento”, os “sentidos”, as “honras”, o “bem viver”, a “ciência”, ele vê tais coisas *abaixo* de si, como forças nocivas e sedutoras, sobre as quais o “espírito” paira em pura “para-si-mesmidade”: – como se humildade, castidade, pobreza – numa palavra: *santidade* – não tivessem até agora prejudicado mais indizivelmente a vida do que quaisquer horrores e vícios...O espírito puro é a pura mentira... (AC, 8)

Aqui se revela também a astúcia do sacerdote, como já analisamos na *Genealogia da Moral*, especialmente na terceira dissertação. No entanto, a crítica de Nietzsche não se limita ao sacerdote cristão, mas se estende também ao idealismo, uma vez que os idealistas estão presentes em diversas áreas, como as artes, as ciências e a política. A relação entre o sacerdote e o filósofo, contudo, permanece central, já que a referência ao “espírito puro” está alinhada com os ideais de santidade. O legado de Platão, com seu conceito de “bem em si” e o “espírito puro”, perdura na tradição filosófica e se expressa na modernidade, especialmente em sua união com o cristianismo. Nietzsche já havia destacado, em *Além do Bem e do Mal*, que um dos maiores e mais duradouros erros “foi

---

<sup>14</sup> Quando foi escrito, *O Anticristo* fazia parte de um projeto em quatro livros. O plano incluía mais dois livros críticos e um quarto livro afirmativo, com base no pensamento do eterno retorno (cf. Rubira, 2010). Assim, com base no método genético-estrutural, precisamos considerar o momento em que o texto foi escrito, tendo em vista o tempo lógico das ideias desenvolvidas.

um erro de dogmáticos, ou seja, a invenção por Platão de um espírito puro e de um bem em si” (BM, Prefácio). A noção de verdade, nesse contexto, transformara-se em uma mentira, sem oferecer uma resposta adequada ao problema da verdade.:

Enquanto o sacerdote, esse negador, caluniador, envenenador *profissional* da vida, for tido como uma espécie *mais elevada* de homem, não haverá resposta para a pergunta: que *é* verdade? Já se colocou a verdade de cabeça para baixo, quando o consciente advogado do nada e da negação é tido como representante da “verdade”... (AC, 8)

Dessa citação, surge toda uma discussão sobre a verdade, duramente criticada por Nietzsche, especialmente no contexto de *Genealogia da Moral*, onde o filósofo aborda o sacerdote e os ideais ascéticos. No entanto, Nietzsche parece apresentar uma nova compreensão da verdade, uma ressignificação baseada em novos pressupostos teóricos, o que implicaria em um tipo de verdade perspectivista, fundamentado na vontade de poder e na teoria das forças. No prólogo de *O Anticristo*, suas considerações sobre essa outra verdade já começam a ser delineadas: “é preciso jamais perguntar se a verdade é útil, se ela vem a ser uma fatalidade para alguém [...]. Uma consciência para verdades que até agora permaneceram mudas [...]” (AC, Prólogo).

A partir dessa concepção de verdade, surge a necessidade de confrontar o instinto de teólogo: “A esse instinto de teólogo eu faço guerra: encontrei sua pista em toda parte. Quem possui sangue de teólogo no corpo, já tem ante todas as coisas uma atitude enviesada e desonesta.” (AC, 9). Trata-se, portanto, de uma percepção viciada da realidade, da qual se originam uma determinada moral, uma virtude e uma concepção de santidade. Para aqueles que possuem esse instinto, busca-se santificar sua visão de mundo por meio de termos como “salvação”, “Deus” e “eternidade”. Nietzsche, por sua vez, procura afirmar uma perspectiva oposta à do tipo sacerdotal, já que essa visão explicita a mentira, oferecendo um critério aproximado para distinguir o verdadeiro do falso:

Desencavei o instinto de teólogo em toda parte: é a mais disseminada, a forma realmente *subterrânea* de falsidade que existe na Terra. O que um teólogo percebe como verdadeiro tem de ser falso: aí se tem quase que um critério de verdade. Seu mais fundo instinto de conservação proíbe que a realidade receba honras ou mesmo assuma a palavra em algum ponto. Até onde vai a influência do teólogo, o *juízo de valor* está de cabeça para baixo, os conceitos de “verdadeiro” e “falso” estão necessariamente invertidos: o que é mais

prejudicial à vida, chama-se “verdadeiro”, o que a realça, eleva, afirma, justifica e faz triunfar chama-se “falso”...(AC, 9)

Nietzsche aproxima, então, o cristianismo católico, o protestantismo e a filosofia, especialmente a filosofia alemã, a partir da tipologia do sacerdote e de seu instinto de teólogo. Quando, por meio da “consciência” dos príncipes ou dos povos, os teólogos chegam ao poder, resulta, enfim, o surgimento de uma vontade de fim, uma vontade niilista. A filosofia alemã é apresentada como consequência de um processo de corrupção, dominado pelo instinto sacerdotal, que tem sua origem direta na reforma de Lutero e em suas implicações filosóficas. Para o filósofo:

Entre os alemães compreende-se de imediato, quando digo que a filosofia está corrompida pelo sangue dos teólogos. O pastor protestante é avô da filosofia alemã, o protestantismo mesmo é o seu *peccatum originale*. Definição de protestantismo: a hemiplegia do cristianismo – e da razão...Basta falar a expressão “Seminário de Tübingen” para compreender *o que* é a filosofia alemã no fundo – uma teologia insidiosa... (AC, 10).

A crítica de Nietzsche recai principalmente sobre Kant, visto como representante desse instinto de teólogo, em uma filosofia que, apesar de suas críticas, ainda indicaria a busca ideal por meio da razão. Kant estaria ao lado de Leibniz e Lutero como autênticos representantes do processo de decadência da cultura alemã. Nietzsche faz objeções, especialmente à possibilidade de um conceito universal de dever, buscando apontar sua perspectiva de que a virtude deve ser uma criação pessoal, originada de uma necessidade individual. A adoção de um conceito geral de dever levaria ao esgotamento, contrariando o instinto da vida enquanto vontade de poder: “As mais profundas leis da conservação e do crescimento exigem o oposto: que cada qual invente *sua* virtude, *seu* imperativo categórico. Um povo perece, quando confunde *seu* dever com o conceito de dever em geral.” (AC, 11).

Neste ponto, é importante destacar algumas nuances do contexto em que se insere a crítica de Nietzsche aos sacerdotes e filósofos, ambos com o instinto de teólogo. Embora haja semelhanças com o contexto da *Genealogia*, como a vontade de poder e a teoria das forças, entre outros, trata-se também de um contexto alterado por novos pressupostos teóricos e refinamentos. Kant e outros filósofos, assim como os sacerdotes cristãos, são aproximados pela mesma perspectiva, ou seja, enquanto tipos decadentes. O conceito de

*décadence*<sup>15</sup> é central nesta obra. Embora Nietzsche já tenha desenvolvido reflexões sobre esse conceito nos fragmentos póstumos desde 1883, e já pensava em um processo de decadência no contexto de *O Nascimento da Tragédia*, foi apenas nas obras publicadas em 1888 que ele passou a utilizar o termo francês *décadence*<sup>16</sup>.

A *décadence*, no contexto das obras de 1888, é vista como a causa do predomínio dos valores niilistas na modernidade, ou seja, os valores superiores “são valores de *décadence*” (AC, 6). Nietzsche deixa claro que a *décadence* afeta a vontade de poder, de modo que “valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados” (AC, 6). Com esse conceito, enquanto uma corrupção dos instintos, Nietzsche avalia os valores modernos e os processos históricos, colocando a filosofia, a religião, a política e as artes como resultados do mesmo processo: a desagregação das forças, como expressões dessa *décadence*. Em *O Anticristo* o conceito aparece na crítica da compaixão como “instrumento capital na intensificação da *décadence*” (AC,17), na crítica aos teólogos e a moral kantiana enquanto uma “*décadence* alemã como filosofia” (AC, 11), na preponderância dos sentimentos de desprazer como “fórmula da *décadence*” (AC, 15), na crítica do conceito de Deus e na análise de Jesus como “interessantíssimo *décadent*” (AC, 31).

Nietzsche intensifica sua posição sobre a figura do sacerdote a partir desses pressupostos teóricos, pois o conceito de *décadence*, entre outras perspectivas, aponta para uma condição fisiopsicológica. Essa interpretação tem influência dos médicos e

---

<sup>15</sup> A *décadence* é basicamente a desagregação dos instintos, sendo que os instintos, nesse contexto, são equivalentes às forças, afetos, impulsos ou “vontades”, como elementos da vontade de poder. A desagregação desses instintos ou forças é que gera essa *décadence*, ou declínio, algo que expressa aquilo que Nietzsche chamou de niilismo. No contexto das obras de 1888, o niilismo passa a ser a lógica desse processo de *décadence*. Sobre esse tema, indicamos Müller-Lauter (1971), Chiara Piazzesi (2003), Isadora Petry (2023) e Clademir Araldi (2024).

<sup>16</sup> Isadora Petry analisou a influência de Paul Bourget, Baudelaire e os irmãos Goncourt na obra de Nietzsche, em especial, no seu conceito de *décadence*. Ela destacou como entre 1887 e 1888, Nietzsche vai ler pela primeira vez os Diários de Baudelaire e dos irmãos Goncourt, de modo que isso vai impactar diretamente a sua filosofia, como o seu projeto de transvaloração dos valores e sua crítica da modernidade. Para a comentarista, “o que Nietzsche pretende mostrar pela escolha do termo *décadence*, em última instância, é que todo processo de subjetivação e criação depende do terreno das contradições e das incertezas, da afirmação da multiplicidade e da transitoriedade da existência. A *décadence*, portanto, não é algo a ser evitado ou condenado, mas incorporado, atravessado.” (Petry, 2023, p. 175).

fisiólogos que Nietzsche estava lendo, como Charles Féré<sup>17</sup>. Isso implica, por exemplo, em considerar a condição do sacerdote como algo necessário, ou seja, não há liberdade para agir de outra forma, assim como os tipos fortes não podem agir de maneira diferente. Não há espaço para a liberdade, pois os instintos do tipo sacerdotal já estão imersos em um processo de *décadence* ou degenerescência<sup>18</sup>. A questão da falta de liberdade é evidenciada quando Nietzsche faz referência ao modo como os decadentes ou degenerados lidam com a sensibilidade, ou mais especificamente, com a sexualidade. Essa falta de liberdade está associada a necessidade dos degenerados, tal como aparece nas análises de Féré, de buscar aquilo que aceleram a degenerescência, bem como a impossibilidade de oferecer resistências.

No encerramento de *O Anticristo*, em sua “Lei contra o cristianismo”, em que Nietzsche também reforça a aproximação entre o sacerdote e o filósofo, encontramos mais uma referência ao modo como o sacerdote expressa sua condição decadente. No artigo primeiro ele afirma que “viciosa é toda espécie de antinatureza. A mais viciosa espécie de homem é o sacerdote: ele *ensina* a antinatureza.” (AC, “Lei contra o cristianismo”, Art. 1º). Um dos modos como sacerdote ensina a antinatureza, é em relação ao tratamento da sexualidade, com sua pregação da castidade. Para Nietzsche, “a pregação da castidade é uma incitação pública à antinatureza” e “todo desprezo da vida sexual, toda impurificação da mesma através do conceito de ‘impuro’ é o autêntico pecado contra o sagrado espírito da vida.” (AC, “Lei contra o cristianismo”, Art. 4).

Nietzsche demonstra um interesse particular pela afirmação do mundo sensível, especialmente no que se refere à sexualidade. Ele argumenta que, no caso dos decadentes,

---

<sup>17</sup> Além de Charles Féré e outros fisiólogos, ressaltamos que em 1888, Nietzsche recorre também as suas fontes literárias e artísticas, tal como Paul Bourget, Baudelaire e os irmãos Goncourt (cf. Petry, 2023). Geralmente Nietzsche faz uma combinação de fontes, como ocorre no Caso Wagner. Sobre isso, Clademir Araldi afirma: “Há uma surpreendente imbricação, em *O caso Wagner*, entre uma fonte literária, a teoria da *décadence* de Bourget, e uma fonte científica, a teoria da degeneração fisiológica de Féré.” (Araldi, 2024, p. 5). No contexto de *O Anticristo*, nesse artigo, coloco ênfase na influência de Féré e sua teoria da degenerescência (Cf. Moore, 2002), visando indicar o processo de degeneração do sacerdote e dos cristãos, na perspectiva de Nietzsche.

<sup>18</sup> Nietzsche refere-se à *décadence* ou a degenerescência, em *O Anticristo*, geralmente no sentido de um “retrocesso fisiológico” (AC/AC, § 17), proveniente do declínio da vontade de poder. Charles Féré considera que a degenerescência é basicamente uma “diminuição da vitalidade, que se traduz em uma atenuação geral das funções orgânicas” (Féré, 1887, p. 125).

ou daqueles em processo de degenerescência, há um descontrole excessivo em relação às paixões. Esse processo resulta em uma negação radical da vida sexual e da sensualidade de maneira geral. Dessa forma, os sacerdotes, ao pregarem a castidade, não estão senão reagindo de acordo com sua fisiologia, que reflete sua desagregação dos instintos. Acontece que aqueles que negam a sexualidade e todo o mundo sensível são justamente os que perderam o controle sobre seus impulsos e recorrem a meios radicais para restabelecer o domínio sobre si:

Os meios radicais são indispensáveis somente para os degenerados; a fraqueza da vontade ou, mais exatamente, a incapacidade de *não* reagir a um estímulo, é ela mesma outra forma de degenerescência. A hostilidade radical, a inimizade mortal à sensualidade é um sintoma que faz pensar: justifica especulações sobre o estado geral de alguém tão excessivo [...]. Observe-se a história inteira dos sacerdotes e filósofos, incluindo os artistas: as coisas mais venenosas para os sentidos *não* foram ditas pelos impotentes, tampouco pelos ascetas, mas pelos ascetas impossíveis, por aqueles que teriam tido necessidade de ser ascetas...(CI, “Moral como antinatureza”, 2).

Essa perspectiva, presente em *Crepúsculo dos Ídolos*, obra que ajuda na compreensão de *O Anticristo*<sup>19</sup>, reforça a compreensão da natureza dos sacerdotes, estendendo-a aos filósofos e artistas. Ela fortalece, ainda, a distinção entre fortes e fracos já estabelecida na *Genealogia da Moral*, porém a partir da perspectiva da *décadence*. Para combater o domínio do tipo sacerdotal na esfera dos valores, Nietzsche propõe um projeto afirmativo, expresso em sua transvaloração dos valores, que busca atribuir um novo sentido àquilo que foi negado pelos valores cristãos. Isso envolve, por sua vez, uma tentativa de espiritualização da sensualidade — algo que não exploraremos aqui, mas que se conecta a outras formas possíveis de religiosidade e de relação com a natureza<sup>20</sup>.

Embora haja muitas nuances, essa perspectiva orienta as reflexões presentes em *O Anticristo*. A partir desse ponto, vamos analisar brevemente como o filósofo interpreta

<sup>19</sup> Cf. Andreas Sommer (2000).

<sup>20</sup> A crítica de Nietzsche ao cristianismo, sobretudo à castidade, é realizada a partir de elementos afirmativos, como uma nova compreensão da sexualidade (*Geschlechtlichkeit*) como o “espírito da vida” (*Geist des Lebens*), e uma concepção de amor (*Liebe*) como uma “espiritualização da sensualidade” (*Vergeistigung der Sinnlichkeit*). Nietzsche afirma que “a espiritualização da sensualidade” é “um grande triunfo sobre o cristianismo.” (GD/CI, “Moral como antinatureza”, § 3). Julgamos que a análise desses elementos permite a melhor compreensão do projeto de transvaloração de todos os valores e pretendemos explorar esse tema em outro artigo, além da tese em desenvolvimento pelo PPGFIL-UFPEL.

o papel dos sacerdotes na história de Israel, considerando os seus estudos sobre o processo de *décadence* de uma determinada fase do judaísmo. Assim, é importante compreender a gênese judaica do cristianismo, vendo-o como a continuação do judaísmo. O filósofo revela como “a história de Israel é inestimável, como histórica típica da desnaturação dos valores naturais” (AC, 25), mostrando que, no período dos reis, “Israel achava-se na relação correta, ou seja, natural, com todas as coisas”, e seu “Javé era expressão da consciência de poder, da alegria consigo, da esperança por si”. Além disso, “no culto festivo se experimentam esses dois lados da autoafirmação de um povo: ele é grato pelas grandes vicissitudes mediante às quais subiu ao topo, grato no tocante ao ciclo anual das estações e à boa fortuna na pecuária e agricultura” (AC, 25).

A partir desse ponto, essa lógica teria sido alterada, sendo associada por Nietzsche a uma anarquia no interior do judaísmo, bem como a fatores externos, como “os assírios no exterior” (AC, 25). É nesse contexto que Nietzsche identifica a mudança no conceito de Deus promovida pelos sacerdotes, de modo que esse conceito “torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais” (AC, 25). Os sacerdotes, dentro do judaísmo, estabeleceram uma nova interpretação da felicidade como recompensa e da infelicidade como castigo por desobediência a Deus. Introduziram o “pecado”, uma interpretação moral do mundo, criando uma ordem moral, sendo a moral judaica e cristã uma “indisposição fisiológica envenenada com o verme-consciência” (AC, 25). Assim, a classe sacerdotal traduziu o passado de Israel “em termos religiosos” (AC, 26).

A tarefa de desconstrução da história de Israel implicou uma nova interpretação do passado, além da construção de esquemas de poder para a classe sacerdotal, representando a transvaloração judaica, ou seja, a inversão dos valores nobres, como já aparecia em outros textos, mas agora a partir de novas referências. Deste modo, “nas mãos dos sacerdotes judeus, a *grande* época de Israel tornou-se uma época de declínio; o exílio, a longa desventura transformou-se em eterna punição pela grande época – um tempo em que o sacerdote ainda não era nada...” (AC, 26). O sacerdote judeu instaura uma forma de domínio sobre os eventos naturais e as coisas cotidianas, ordenando a vida em comunidade a partir de seus próprios anseios. Conforme Nietzsche:



A partir de então as coisas todas da vida se acham tão ordenadas, que o sacerdote é *indispensável em toda parte*; [...] o sacerdote desvaloriza, *dessacraliza* a natureza: é a esse custo que ele existe. – A desobediência a Deus, isto é, ao sacerdote, à “Lei”, recebe então o nome de “pecado”; os meios de “reconciliar-se com Deus” são, como é de esperar, meios com os quais a sujeição ao sacerdote é garantida ainda mais solidamente: apenas o sacerdote “redime”...Psicologicamente, em toda sociedade organizada em torno ao sacerdote os “pecados” são imprescindíveis: são autênticas alavancas do poder, o sacerdote *vive* dos pecados, ele necessita que se peque... Princípio supremo: “Deus perdoa quem faz penitência” – em linguagem franca: *quem se submete ao sacerdote*. – (AC, 26)

A dessacralização e desvalorização da natureza é condição para a existência do sacerdote, tendo em vista que ele é aquele que “ensina” antinatureza. A natureza aqui, envolve o jogo de forças e a condição do mundo enquanto vontade de poder. Assim, para Nietzsche, seria necessário identificar o processo histórico que levou ao poder dos sacerdotes, bem como apontar caminhos para a superação dos valores por eles instaurados. Para a identificação desse processo, Nietzsche procura elementos nos estudos históricos, ao mesmo tempo que busca identificar na história os exemplos dos seus tipos, como o sacerdote, os fracos, e a manifestação dos seus conceitos, como a *décadence*.

A principal fonte de Nietzsche para identificar *décadence* do judaísmo e ação dos sacerdotes é Julius Wellhausen, estudioso da Bíblia e orientalista<sup>21</sup>. Em *Prolegomena zur Geschichte Israels*, este autor alemão investiga as origens do Pentateuco, apontando que, na época de Josias, Davi e Salomão, não havia uma presença relevante do texto sacerdotal, nem o fortalecimento da classe dos sacerdotes. A religiosidade mais antiga dos israelitas indicaria até um politeísmo e uma relação com a natureza. Porém, após o exílio, começa a se estabelecer o domínio sacerdotal. Anteriormente, não havia uma Lei definida e escrita, mas sim uma. O código sacerdotal e o Deuteronômio surgem somente após o exílio. Não havia uma unidade de culto, mas o Código Sacerdotal, resultante da reforma de Josias e exposto no Deuteronômio, procura pressupor essa unidade.

Wellhausen procurou demonstrar em seus estudos, que o código sacerdotal na verdade pertenceria a um período bem mais recente, considerando que no Deuteronômio

---

<sup>21</sup> Para uma análise desse tema e referência das principais fontes que Nietzsche utilizou na obra *O Anticristo*, em especial, suas fontes fisiopsicológicas, indicamos o trabalho de Allan Sena intitulado “Nietzsche e o tipo psicológico do redentor”, 2012.

“a unidade do culto é ordenada, no código sacerdotal ela é pressuposta” (Wellhausen, 1915, p. 35). O Deuteronômio ainda indicaria que a unidade do culto passou a ser pensada a partir da construção do templo de Salomão.<sup>22</sup> Wellhausen ainda cita, por exemplo, a mudança na perspectiva sobre o sacrifício, em que a oferenda, antes ligada à vida, passa a ser considerada uma expiação, desconectando-se dos fins práticos da comunidade, exemplificando aquilo que para Nietzsche seria um processo de desnaturalização. Para Wellhausen (1915, p. 77), o culto religioso seria “uma coisa natural na antiguidade hebraica; era o florescer da vida, a elevação e profundidade que lhe cabia transfigurar e glorificar”.

Nesse ponto, é importante considerarmos a questão da *décadence* do judaísmo e do conceito de Deus, com o domínio dos sacerdotes e a falsificação da história de Israel. Enquanto povo de sacerdotes, os judeus expressam ressentimento, recorrendo ao domínio por meio da astúcia. No entanto, Nietzsche não se refere aos judeus como um grupo fixo, mas aborda sobretudo um período da história de Israel e uma tipologia específica, que se manifesta no judaísmo: o período de *décadence* dos judeus, assim como Sócrates e parte da filosofia platônica representam o período de *décadence* da cultura grega. Tudo isso fornece a base para a formação dos valores cristãos, afinal, o cristianismo “*não* expressa o declínio de uma raça, é um agregado de formas de *décadence* de toda parte que se aglomeram e se buscam.” (AC, 51).

O método de Wellhausen é um dos elementos centrais para a crítica de Nietzsche aos sacerdotes, além de sua compreensão sobre a *décadence* do judaísmo. Ao analisar a importância de Wellhausen na elaboração de *O Anticristo*, Sena (2012) buscou demonstrar que “seu método de investigação irá reencontrar ressonâncias naquele que Nietzsche irá adotar para reconstituir o tipo de Jesus [...]” (Sena, 2012, p. 181)<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Assim, considerando a necessidade, para os sacerdotes, de ter um culto religioso centralizado, com um santuário, eles com seu código sacerdotal acabam por transpor a existência real do culto para o “início mesmo da teocracia, alterando, de acordo com isso, completamente a história antiga” (Wellhausen, 1915, p. 36).

<sup>23</sup> Conforme o comentador: “Do mesmo modo que o código sacerdotal pós-exílio retirou o culto a *Yavé* de seu solo natural, interpretando -o de acordo com suas próprias necessidades e sob condições artificiais, os primeiros cristãos, herdeiros desse código, irão desterrar os ensinamentos de Jesus de seu ambiente próprio, conferindo-lhes uma nova configuração e um significado abstrato, alheio a toda necessidade prática e natural” (Sena, 2012, p.182).

Concordamos com essa perspectiva, mas aqui optamos por nos restringir a análise da influência dos sacerdotes na história de Israel, especialmente no processo de desnaturalização dos valores apontado por Nietzsche.

Nesse contexto, procuramos compreender o papel do sacerdote enquanto um tipo, à luz da leitura de Nietzsche sobre o trabalho de Wellhausen. A interpretação de Wellhausen sobre a história de Israel, a concepção de degenerescência fisiológica, especialmente de Charles Féré, são estrategicamente articuladas por Nietzsche, junto ao seu conceito de *décadence*. Esses elementos, junto com intenção do filósofo de realizar a sua transvaloração, indicam as diferenças em relação ao contexto da *Genealogia da Moral*.

## Conclusão

Neste artigo, buscamos analisar a crítica de Nietzsche ao sacerdote enquanto tipo, tanto na *Genealogia da Moral*, especialmente na terceira dissertação, quanto em *O Anticristo*. Na *Genealogia da Moral*, destacamos que o sacerdote é responsável pela interpretação religiosa da culpa, ao mesmo tempo em que contribui para a enfermidade do homem. Sua principal estratégia é apropriar-se do sentimento de culpa, utilizando a noção de pecado. Em particular, o sacerdote muda a direção do ressentimento, fazendo com que o doente perceba que ele mesmo é o culpado por sua condição.

Em *O Anticristo*, Nietzsche também sublinha a noção de pecado como ferramenta de domínio dos sacerdotes, apontando que os pecados, como “autênticas alavancas de poder”, são “imprescindíveis” para a organização da sociedade “em torno ao sacerdote” (AC, 26). Em ambas as obras, Nietzsche evidencia a desvalorização do corpo e dos instintos promovida pelos sacerdotes. O sacerdote é apresentado como uma figura recorrente ao longo da história, caracterizada por astúcia e sutileza, realizando uma interpretação moral-religiosa de causas fisiológicas, convertendo saúde em doença.

Nos dois textos, os judeus são retratados, principalmente, como um povo de sacerdotes. Na *Genealogia da Moral*, são apresentados como responsáveis pela primeira

transvaloração dos valores nobres, um “ato da mais espiritual vingança” (GM I, 7). Já em *O Anticristo*, Nietzsche destaca como eles falsificaram a história de Israel. Se, na *Genealogia da Moral*, o filósofo apresenta a oposição entre os valores dos nobres e dos escravos, essa oposição é retomada em *O Anticristo*. Nessa obra, Nietzsche reconhece que, na *Genealogia da Moral*, ele expôs “pela primeira vez, em termos psicológicos” (AC, 24) os conceitos de moral nobre e moral do ressentimento, percebendo a força psicológica do povo judeu, que tomou partido de “todos os instintos de *décadence*” (AC, 24).

A retomada da crítica ao sacerdote, tanto na *Genealogia da Moral* quanto em *O Anticristo*, acontece em contextos distintos e com novos conceitos. Na *Genealogia da Moral*, o conceito central é o niilismo<sup>24</sup>, já em *O Anticristo*, assim como em outras obras de 1888, Nietzsche utiliza o conceito de *décadence*, que engloba o niilismo como uma de suas expressões<sup>25</sup>. Nietzsche emprega o conceito de *décadence* para avaliar a origem dos valores e identificar a natureza decadente dos sacerdotes. Nessa análise ele se apoia em várias leituras, incluindo a fisiologia médica de Charles Féré, e na interpretação da história de Israel a partir do trabalho de Wellhausen. Ao combinar esses elementos e considerando que, com *O Anticristo*, Nietzsche começava a transvaloração dos valores, observamos um aprofundamento na compreensão do modo de ação dos sacerdotes e a identificação do período de *décadence* do judaísmo. Esses aspectos revelam o surgimento do cristianismo e a consolidação do poder sacerdotal.

Esse contexto exige que a crítica de Nietzsche ao sacerdote seja considerada a partir de uma nova ordem de “razões”, em conformidade com nosso método genético-estrutural, que permitiu evidenciar as nuances de cada contexto, ainda que as obras apresentem uma continuidade. Nosso objetivo, ao destacar as peculiaridades da crítica de Nietzsche ao sacerdote em *O Anticristo*, não foi sugerir uma ruptura com a *Genealogia da Moral*, mas ressaltar como essa crítica se insere na primeira obra do projeto da

---

<sup>24</sup> Conforme Araldi (1998, p. 80): “Esse movimento niilista é analisado em *Para Genealogia da Moral* através de suas três formas fundamentais de manifestação: o ressentimento, a má-consciência e o ideal ascético”.

<sup>25</sup> Em um fragmento póstumo de 1888, Nietzsche afirma que “o niilismo não é nenhuma causa, mas apenas a lógica da *décadence*” (FP 14 [86] de 1888).

transvaloração (e posteriormente na totalidade desse projeto). Afinal, as análises da *Genealogia da Moral* são essenciais para esse desenvolvimento.

O próprio filósofo, ao avaliar suas obras em *Ecce Homo*, descreve a *Genealogia da Moral* como “talvez o que de mais inquietante até agora se escreveu” e suas três dissertações como “três decisivos trabalhos de um psicólogo, preliminares a uma transvaloração de todos os valores. — Este livro contém a primeira psicologia do sacerdote” (EH, “Genealogia da moral”). Se na *Genealogia* encontramos a primeira psicologia do sacerdote, em *O Anticristo* Nietzsche não apenas aprofunda sua análise fisiopsicológica, mas busca realizar sua transvaloração como um ataque direto àqueles que inverteram os valores nobres.

## Referências:

ARALDI, Clademir. **Nihilismo, Criação, Aniquilamento**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

ARALDI, Clademir. *Os extremos do nihilismo europeu*. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 169-182, jul./dez. 2012.

ARALDI, Clademir. *A fisiologia da arte em Nietzsche: entre a decadência moderna e a arte da transfiguração*. **TRANS/FORM/AÇÃO** (UNESP. MARÍLIA. ON LINE), v. 47, p. 1-17, 2024.

ARALDI, Clademir. *Tipo*. In: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas);

FÉRÉ, Charles. **Sensation et mouvement: études expérimentales de psychomécanique**. Paris: Félix Alcan, 1887.

FÉRÉ, Charles. **Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique**. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos*. In: GOLDSCHMIDT, V. **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOORE, Gregory. **Nietzsche, Biology, Metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)**. (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gerárd Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 1a ed. São Paulo: Nova cultural, 1974 (Col. "Os Pensadores").

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral. Uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculos dos Ídolos. Ou de como filosofar com o martelo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo. Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1882-1885) (Vol. III)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1885-1889) (Vol. IV)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondência (1887-1889) (Vol VI)**. Trad. de Joan B. Llinares. Edición dirigida por Luis Enrique de Santiago Guervós. Madri: Editorial Trotta, 2012.

PASCHOAL, Edmilson. **A Genealogia de Nietzsche**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2003.

PASCHOAL, Edmilson. *Entre a décadence e Rangordnung: anotações sobre a crítica de Nietzsche à modernidade*. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 21, p. 11-29, 2013.

PETRY, Isadora Raquel. *A décadence no último Nietzsche: Bourget, Baudelaire e os irmãos Goncourt*. 2023. Tese (doutorado) - **Universidade Estadual de Campinas**, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/12477> .

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. 01. ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2010.

RUBIRA, Luís. *Para uma compreensão da “esperança” no surgimento do “homem do futuro” no final do Segundo Tratado da Genealogia da moral*. **Revista de Filosofia Aurora** v. 36, p. 1-15, 2024.

SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Dissertação (Filosofia) – **Programa de Pós-Graduação em Filosofia Unicamp**, Campinas, SP. 2012.

SOMMER, Andreas Urs. **Friedrich Nietzsches “Der Antichrist”**. Ein philosophisch historischer kommentar. Basel: Schwabe e Co. a G./Verlag, 2000.

WELLHAUSSEN, Julius. **Prolegomena zur Geschichte Israels**. (BN) Berlin: G. Reimer, 1883.

WELLHAUSSEN, Julius. **Prolegomena to the history of Israel**. Translated by Sutherland Black and Allan Menzies. Edinburgh: Adam & Charles Black, 1915.